

DO TACHO ÀS INDÚSTRIAS DE CONSERVAS: UMA EXPOSIÇÃO MUSEOLÓGICA PARTICIPATIVA

CARLISTON LIMA RIBEIRO¹; CARLOS EDUARDO ÁVILA BAUER²;
ANDRÉA CUNHA MESSIAS³; CRISTIELE DE SOUZA SANTOS⁴ DANIEL VAZ
LIMA⁵
DIEGO LEMOS RIBEIRO⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – estrellavideofilmagens@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – edubauereyeshua@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – andreamessias@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - cristiele.hst@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – dvlima.vaz@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas - dirmuseologo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se destina a analisar o processo de concepção, planejamento, execução e desdobramentos da exposição museológica denominada “Do tacho às indústrias”, realizada no município de Morro Redondo/RS. As ações envolveram os doceiros artesanais, os empreendedores das indústrias conserveiras, a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desportos (SMECD), o Roteiro Turístico Morro de Amores, o Museu Histórico de Morro Redondo e a Universidade Federal de Pelotas, através do “Projeto de Extensão Museu Morrorredondense: Espaço de Memórias e Identidades” e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

A proposta surgiu em decorrência da demanda da SMECD para que o Museu desenvolvesse uma pesquisa em, campo atrelando o conhecimento dos doceiros coloniais e as fábricas de conservas ou do município de Morro Redondo, com o objetivo de comunicar a contribuição das indústrias conserveiras para as tradições doceiras, de forma a fortalecer o processo de salvaguarda desse patrimônio imaterial, registrado em 2018 no Livro de Saberes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

O trabalho em campo e a pesquisa bibliográfica foram realizados entre os dias 15 de abril e 06 de maio do corrente ano. Os objetos e documentos reunidos são entendidos como sociotransmissores (CANDAU, 2009), que dão suporte ao processo de fortalecimento das memórias e identidades sociais (HALBWACHS, 1990). No caso específico do tacho de cobre e do mexedor de madeira, os mesmos são considerados objetos cujas ressonâncias (GONÇALVES, 2007) evocam uma dinâmica cultural complexa, mediando o passado e o presente, bem como formando subjetividades individuais e coletivas. Podem se configurados também como objetos biográficos, não apenas porque estes objetos têm suas próprias trajetórias de vida, as quais podemos reconstruir; mas sobretudo porque servem como moldura social para as pessoas narrarem suas próprias histórias de vida ao confrontá-los intersubjetivamente. Tanto o tacho de cobre como o mexedor de madeira, nesse compasso, perpetuam um modo de fazer tradicional associados a um saber transmitido ao longo das gerações familiares (RIETH; SILVA; KOSBY, 2015).

No tocante à extroversão das informações coletadas, partimos do pressuposto de que a concepção de uma exposição museológica colaborativa potencializa a apropriação dos atores sociais aos patrimônios culturais (VARINE, 2013; CURY, 2005), em um contexto no qual o entendimento sobre o patrimônio é

fundamentado “na percepção individual e na relação de cada ser humano com o seu ambiente” (SCHEINER, 2009, p. 314). Outrossim, concordamos com Tornatore (2009, p.13) quando afirma que o patrimônio ultrapassa a ideia essencialista de vestígio, como se fosse algo concreto e estável; ao contrário disso, cremos que “é preciso seguir na via da imaginação: sem imaginação, não há patrimônio”. Dessa forma, solicitamos que os atores envolvidos selecionassem materialidades capazes de demonstrar a relação deles com o patrimônio em estudo, que tem como pano de fundo um cenário em que a afetividade e a emoção assumem protagonismo.

Para além dos valores patrimoniais, os trabalhos em campo demonstraram também a modificação da paisagem em Morro Redondo em decorrência da expansão do cultivo de soja, que passou a ocupar pomares de pessegueiros. Dentro desse cenário, verifica-se o esforço realizado pelo poder público e empreendedores para o fortalecimento das tradições doceras e como forma de salvaguardar esses saberes.

2. METODOLOGIA

O trabalho de levantamento e interpretação dos dados levantados foram embasados nas ferramentas da etnografia no sentido dado por PEIRANO (2014), enquanto uma “formulação teórico-etnográfica”, sendo um conhecimento reflexivo constituído a partir do diálogo entre a experiência de campo e a teoria. Conforme Cardoso de Oliveira (2006) a etnografia constitui-se através de três “atos cognitivos”: Olhar, ouvir e escrever. Enquanto o “olhar” e o “ouvir” representam as experiências no campo, o escrever é o momento de reflexão do que foi aprendido com as categorias de entendimento básicos das disciplinas. Na vivência com os interlocutores o olhar disciplinado é colocado em relação com as teorias do outro (MAGNANI, 2011) fazendo-nos identificar novas possibilidades e novas dinâmicas culturais que serão transmitidas na produção textual, visual e sonora. O trabalho de campo com pessoas é mais do que um ato científico de pesquisa. É também uma vivência que cria uma “relação produtora de conhecimento” (BRANDÃO, 2007, p. 12) fazendo da pesquisa um constante jogo de intersubjetividades entre o “nós” e os “outros”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados serviram para nutrir a documentação museológica e demonstraram que o saber-fazer dos doces coloniais artesanais foi utilizado no início da produção industrial, servindo de conexão entre esses dois universos – que a princípio pareciam diametralmente afastados. De forma análoga, a partir das materialidades existentes e das narrativas memoriais coletadas, observamos que, na maioria das conserveiras, o espaço fabril surgiu a partir do trabalho doméstico, colocando os dois mundos (artesanal e industrial) em comunhão. Nesse sentido, a tradição doceira colonial oscila entre formas artesanais e industriais de produção, ambas sustentadas por linhagens familiares (RIETH; SILVA; KOSBY, 2015). Ainda hoje, parte dessas indústrias se localizam anexas às casas onde seus proprietários residem, corroborando a ideia de relação entre os espaços doméstico e fabril, passado e presente, tradição e atualidade. O tacho, nesse sentido, figura como objeto que tece em uma mesma rede essas aparentes oposições, agindo nos interstícios, ao mesmo tempo em que mobiliza memórias individuais e sociais. Ao agir sobre os sujeitos e os espaços, o tacho

não apenas passa a ter uma biografia, como também fixa a biografia das pessoas em sua materialidade.

As pesquisas bibliográficas e entrevistas, demonstraram que o incentivo fiscal por parte do governo federal, que propiciou a entrada do pêssego argentino e uruguaio no mercado brasileiro (década de 1970), provocou o enfraquecimento das pequenas fábricas de doces e conservas que culminou com o fechamento de muitas delas (BACH, 2008), restando no município apenas 5 empresas conserveiras em atividade. Dessa forma, na exposição realizada, um dos nichos demonstrou as memórias dessas fabriquetas.

A exposição temporária “Do Tacho às Indústrias” foi realizada inicialmente durante as comemorações do 33º Aniversário do Município e na 17ª Semana de Museus, em maio de 2019 e trouxe ao Museu turistas e moradores do município que interagiram com os objetos expostos, principalmente com o tacho de cobre e o mexedor que funcionam como mediadores das tradições docerias.

Figura 1: Exposição Temporária “Do Tacho às Indústrias”



Fonte: MHMR, 2019.

Como desdobramento do trabalho, a exposição foi remontada durante a III Festa do Doce Colonial realizada pelo Roteiro Turístico Morro de Amores e seus parceiros, na Praça de 12 de Maio. Na ocasião, além da interação com os objetos museológicos expostos, os públicos participaram ativamente do feito do doce no tacho de cobre. Em nosso entendimento, embora fora do espaço delimitado do Museu, esse cenário não deixa de ser museológico. Ao vivenciar o fazer do doce, utilizando os artefatos mencionados, os públicos não apenas “refletem” sobre o patrimônio, eles os fazem e o consomem, mediatizados pelo museu – neste caso o museu-conceito, e não o museu físico. O patrimônio, nesse sentido, ultrapassa a ideia de categoria jurídica e invade o terreno dos afetos e das emoções patrimoniais.

4. CONCLUSÕES

O trabalho realizado demonstrou a importância das exposições museológicas colaborativas na medida em que propiciou que os atores sociais definissem as materialidades que conectam sentido ao patrimônio cultural imaterial e às memórias sociais. Nesse contexto, a disposição das fotografias em forma de álbum de família para ser expandido pelo público, o texto de abertura, a mostra de rótulos antigos constituíram-se como opções expográficas interativas que reforçaram a ressonância do patrimônio.

Percebemos também a importância da aproximação dos atores humanos e não humanos para a preservação das tradições doceras em Morro Redondo e de que forma a temática encontra-se inserida no cotidiano do município, principalmente através das ações museológicas e dos eventos realizados pelo Roteiro Turístico Morro de Amores e seus parceiros, incluindo o poder público.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e cultura**, v.10, n.1, p. 11 – 27, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000, Cap. 1 p. 17 - 33.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. In: **História, Ciências, Saúde**. Volume 12 (suplemento). Rio de Janeiro, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. IN: _____. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377 - 391, 2014.

RIETH, Flavia; SILVA, Tiago Lemões da; KOSBY, Marília Floôr. Linhagens da produção, disseminação e atualização do saber-fazer doceiro: a tradição dos doces coloniais na zona rural de Pelotas. IN: _____. MENASCHE, Renata. **Saberes e sabores da colônia**: alimentação e cultura como abordagem para o estudo rural. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015, p. 73 – 86.

TORNATORE, Jean-Louis. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 1, n. 1, dez. 2009.

SCHEINER, Teresa Cristina. MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO: INTERFACES DISCIPLINARES ENTRE A FRANÇA E O BRASIL. **Ciência & Trópico**, v.33, n.314. Recife, 2009.

VARINE, Hugues de. 2012. **As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local**. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz.